

UM OLHAR DIALÉTICO DA TEORIA DA LITERATURA ATRAVÉS DA LITERATURA DE MATO GROSSO E DO ANTIGO SUL DE MATO GROSSO

A LOOK AT THE DIALECTICAL THEORY OF LITERATURE THROUGH THE LITERATURE OF MATO GROSSO AND MATO GROSSO OLD SOUTH

Fábio Luiz de Arruda Herrig¹

RESUMO: Através da história literária de Mato Grosso e do Antigo Sul de Mato Grosso, este trabalho pretende esboçar algumas proposições relacionadas à teoria da literatura (teoria, crítica e história literária). O objetivo é explorar a perspectiva dialética dos três elementos que compõem esse campo de estudo, de maneira a oferecer resultados mais consistentes em relação ao trato com o objeto literário.

Palavras-chave: teoria da literatura; Mato Grosso; dialética.

ABSTRACT: Through the literary history of Mato Grosso and Mato Grosso Old South, this paper aims to outline some propositions related to the theory of literature (theory, criticism and literary history). The aim is to explore the dialectical perspective of the three elements that make up this field of study in order to provide more consistent results in relation to dealing with the literary object.

Keywords: theory of literature; Mato Grosso; dialectic.

Este artigo se desdobra em três momentos: no primeiro, será feita uma discussão teórica acerca das possibilidades desencadeadas pelas abordagens da teoria da literatura, já, em segundo lugar, observar-se-á as correntes e obras que compõem o tecido da história da literatura mato-grossense e, por último, será feito um estudo de caso, que vislumbra expor a possibilidade prática da proposta que ora se apresenta. Para este último estágio, servirá de objeto de teste a obra literária do escritor paulista Hernâni Donato: *Selva trágica: a gesta errateira no sulestematogrossense*.

¹ Mestrando em Letras. Bolsista CAPES/DEMANDA SOCIAL. UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Comunicação Arte e Letras. Programa de Pós-Graduação/Letras. Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. karaarruda@gmail.com

A TEORIA DA LITERATURA

A teoria da literatura se desdobra em três chaves distintas²: (I) a teoria literária, incumbida de formular processos heurísticos capazes de dar conta do objeto literário, em outras palavras, responsável por traçar as diretrizes de análises, as metodologias, os meios, para que a crítica seja realizada de maneira epistemologicamente convincente; (II) a crítica literária, que se enquadra dentro de uma perspectiva axiológica, atribuindo valores às obras, ou retirando-lhes, analisando as estruturas e os relevos construídos pelo tecido literário; (III) e, por fim, a história literária, que se caracteriza por estudar as relações entre obras em diversos períodos. O ponto chave desta discussão é que há uma necessidade de inter-relação entre os elementos que compõe a teoria da literatura, onde um é fundamental para o bom funcionamento do outro, como muito bem demonstram René Wellek e Austin Warren:

[...] a teoria literária é inconcebível sem o criticismo ou a história³, assim como o criticismo sem a teoria e a história, ou a história sem a teoria e o criticismo. É manifesto que a teoria da literatura só se torna possível com base no estudo de obras literárias concretas. Não se podem alcançar *in vacuo* critérios, categorias e esquemas. Mas, reciprocamente, também o criticismo ou a história não são possíveis sem um conjunto de questões, um conjunto de conceitos, alguns pontos de referência, algumas generalizações. (WELLEK; WARREN, 19--, p. 45).

Neste sentido, observa-se uma perspectiva que está preocupada estritamente com o estudo da arte literária. Esse estudo que, por sua vez, pode ser desdobrado em dois sentidos: (I) imanente, onde se observa a preocupação com a estética da obra literária: tempo, espaço, intriga, originalidade, foco narrativo, entre outros; (II) transcendente, onde é possível notar: a relação de uma obra com obras do mesmo período, com obras de períodos diferentes, a perspectiva ideológica, quando houver, a questão de cópia e originalidade, as estruturas de correntes literárias, a relação da obra com o contexto social, etc.

Nota-se que o primeiro momento está centrado no contexto fechado da obra, a preocupação do crítico não estará, em nenhum instante, voltada para situações que excedam os limites do texto em si, contudo, a perspectiva transcendente volta-se para as relações que excedem esses limites, mas sem, com isso, ignorar as orientações dadas pelas análises imanentes. É neste sentido que o um dos pontos desenvolvidos no trabalho de conclusão de curso é alvo de novos olhares. O texto foi revisto com este primeiro momento do artigo, dedicado a uma rápida pincelada teórica, pois, a partir de considerações críticas imanentes das obras, que serão apresentadas, foi possível fazer considerações que excedem os limites dos livros, observando correntes

² Esse desdobramento corresponde à proposta desenvolvida em: WELLEK, René; AUSTIN, Warren. *Teoria da Literatura*. 5ª ed. S.I, Publicações Europa-América, 19--.

³ Quando Wellek e Warren falam de história, estão se referindo à história literária.

literárias orientadas por perspectivas políticas e ideológicas, como será percebido na primeira metade do século XX, com as poesias de Dom Francisco de Aquino Correia e José de Mesquita, voltadas para uma formação moral e para a manutenção do poder no estado, e, na segunda, direcionada para uma literatura de contestação, com outros autores que serão apresentados adiante.

Para Antônio Candido (2009, p. 35):

[...] Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. [...] Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui a sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não literários.

Nesse sentido, o que fica evidente é que a arte literária atua dentro de uma especificidade, caracterizada por sua autonomia, contudo, tem uma relação com a realidade, mesmo que esta seja deixada longe, como salienta Candido. O ponto chave é que ao invés de fechar os horizontes de atuação, tanto os críticos, como os historiadores e os teóricos literários, que ainda não adotaram essa postura, deveriam se dar conta de que o processo dialético é muito mais eficiente que o dicotômico, portanto, no lugar de contrapor, de maneira bipolar, os dados transcendentais e os imanentes, seria mais eficiente aos três âmbitos da teoria da literatura, pensar de maneira recíproca os dados, como sugerido por Wellek e Warren⁴. Orientado por esta perspectiva, o crítico não precisa, necessariamente, se apegar a uma determinada corrente teórica e ignorar as demais, é possível que ele as faça dialogar, como propõe Paul Ricoeur com seu conflito das interpretações.

Diante dessa ideia, o crítico pode analisar os dados que são entendidos como imanentes, valendo-se de teorias que correspondem a isso, como é o caso dos formalistas ou da semiótica, no entanto, não necessita ficar fechado nisso. O dado imanente tem a sua autonomia, como muito bem assinalou Candido, mas, ela transcende os limites do texto. Com os pressupostos desenvolvidos por Roman Ingarden e pelos criadores da Estética da Recepção, constata-se que o texto literário

⁴ É importante considerar que há correntes da teoria literária que já se preocupam com a relação imanente/transcendente, como: A Estética da Recepção (Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss), o Estruturalismo (Roland Barthes, Vladimir Propp, Jouri Lotman) e o Desconstrutivismo (Jacques Derrida, Michel Foucault, Paul de Man), no entanto, isso ainda é um imperativo que necessita ser mais divulgado e trabalhado, para que as possibilidades de aperfeiçoamento das pesquisas sejam alçadas a um novo patamar. Sobre o assunto ver: PAULA, Adna Candido de. “Une Recherche Épistémologique des Processus Herméneutiques des Théories Littéraires / Uma Investigação Epistemológica dos Processos Hermenêuticos das Teorias Literárias”. In: *XII Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural (ARIC)*. Florianópolis. XII Congresso da ARIC - Association Internationale pour la Recherche Interculturelle. Florianópolis: ARIC-UFSC, 2009. v. 1, p. 1-15.

só adquire sentido quando o leitor o lê. Neste sentido, é possível observar efeitos que transcendem os limites do texto e que passam a agir em um espaço exterior. Nesta exterioridade, é possível observar dados que se relacionam ao contexto social da obra, como por exemplo, o cunho ideológico da obra, ou, os meios de circulação das literaturas⁵.

O objetivo geral desta, neste primeiro momento, foi expor a necessidade de se repensar o ofício do literato, em termos do trato com o objeto literário, o que permitirá uma produção dialógica dos vários estágios dos estudos literários. Cabe, a partir de agora, analisar a história literária em Mato Grosso, para poder observar a viabilidade da discussão inicial, em relação à imanência e a transcendência.

MATO GROSSO E AS ESCOLAS LITERÁRIAS

Para o desenvolvimento de uma exposição sobre a literatura de Mato Grosso e do ASMT não há como prescindir de algumas ressalvas conceituais relacionadas a movimentos artísticos. Isso fica claro nas palavras de José Couto Vieira Pontes que diz: “Em Mato Grosso, penetram todas as escolas literárias do país, desde o classicismo e o romantismo até as vanguardas mais revolucionárias” (PONTES, 1981, p. 43).

Dentro do que foi analisado na obra escrita por ele, *História da literatura sul-mato-grossense*⁶, é possível notar de forma mais presente as características de quatro movimentos literários, quais sejam, o romantismo, o parnasianismo, o modernismo e, por último, considerado de importância significativa para as análises da história e da literatura e que começou a ser trabalhada recentemente, a literatura oral. Comentando os três primeiros movimentos, Pontes (1981, p. 127) diz:

[...] a despeito desse movimento (modernismo) que abalou os alicerces conservadores da poética brasileira e provocou polêmicas em todos os rincões do país, a verdade é que, em Mato Grosso, o movimento repercutiria timidamente e entraria de maneira singela e quase inidentificável, não fossem, no Norte, as produções de Benedito Santana da Silva Freire, e, no Sul, o pioneirismo de Lobivar Matos e a audácia criadora de Manoel de Barros [...]. Após o grito iconoclasta de 1922, os poetas mato-grossenses continuaram fiéis às formas tradicionais, compondo sonetos românticos ou parnasianos e não se deram ao trabalho de mutilar as

⁵ Um bom exemplo dessas perspectivas transcendentais pode ser buscado nos *fabliaux*, pois estes se manifestavam de maneira oral e nos meios laicos, na Idade Média. Esse tipo literário demonstra uma sociedade onde há um ponto oficial, caracterizado pelo cristianismo e um ponto que se manifesta nos espaços marginais, os meios onde circulam os *fabliaux*. Desta maneira, o que a literatura permite vislumbra é uma distribuição social, história, que excede os limites autônomos do texto, enquanto artefato estético. Sobre os *fabliaux* ver: FRANCO JUNIOR, Hilário. *Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

⁶ Pontes fala de uma literatura sul-mato-grossense, no entanto, isso é incorrer em anacronismo, visto que a maior parte da literatura que ele analisa se relaciona ao período anterior à divisão dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

palavras, lapidando novos significados ou desvendando novas realidades e mistérios ocultos no âmago das imagens.

Para falar sobre essa literatura do estado, é preciso compreender o significado dessas formas literárias, modernismo, parnasianismo e romantismo, e sua relação com as manifestações que ocorrem concomitantemente a elas no país, pois, segundo Pontes (PONTES, 1981, p. 43):

Assim como a literatura brasileira buscava os modelos e sentia-se fortemente influenciada pela Europa, principalmente a França, o nosso estado acompanhava os movimentos e recebiam as fórmulas literárias vigentes no Rio de Janeiro, a verdadeira metrópole das letras.

Dessa maneira, o primeiro ponto a ser observado está ligado ao romantismo. O que vem à mente ao se evocar esse termo? Segundo o que Alfredo Bosi apresenta em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*:

[...] o Romantismo expressa os sentimentos dos *descontentes* com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde, as atitudes saudosistas ou reivindicatórias [...] pontuam todo o movimento. (BOSI, 1994, p. 91).

Mais adiante, ainda afirma:

O *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo recriando uma Idade Média gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paragens ou para o Oriente exótico. (BOSI, 1994, p. 93).

Nesse mesmo contexto, D’Onofrio Salvatore em *Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais*, afirma que antes de ser um movimento estético, social ou ideológico, o romantismo se caracteriza por ser “uma atitude espiritual, uma postura perante a vida, constituindo-se numa coordenada fundamental do ser humano” (SALVATORE, 2004, p. 327).

Esse romantismo no ASMT se mostra tão presente, na da perspectiva de Pontes, por conta dessa área ser isolada. Observe-se o trecho onde ele fala a respeito da cidade de Três Lagoas, tão distante que os poetas estavam alheios, ou suficientemente distantes para não perceber a Segunda Guerra Mundial, a ribombar em outros cantos do mundo:

[...] a cidadezinha está longe desse teatro apocalíptico. Suas areias brancas, suas mangueiras imponentes e as paredes sem reboque da Matriz nada têm a ver com os conflitos [da Segunda Guerra Mundial], de modo que os seus poetas têm paz necessária às produções românticas. (PONTES, 1981, p. 54).

Outra escola literária notoriamente presente é o parnasianismo. Assim, como uma das características do romantismo é contrapor o ideal clássico, o parnasianismo, de forma oposta, tem por característica o retorno a esse mesmo ideal, onde é possível

notar o interesse apenas pelo verso e a estética da “arte pela arte” como carro chefe. Nas palavras de Salvatore (2004, p. 381):

[...] o parnasianismo volta ao ideal clássico da beleza como harmonia de formas, retratando incidentes históricos, assuntos mitológicos e fenômenos naturais, em versos perfeitos quanto a sua estrutura métrica e sonora, predomina a técnica sobre a inspiração.

O modernismo também mostra sua face iconoclasta nos ermos sertões do ASMT. Esse movimento se caracteriza por colocar em xeque toda a estrutura que estava posta até então, seja na literatura, na música, ou na pintura. Segundo o que diz Salvatore, o modernismo é a aceitação dos mimos do irracionalismo, tanto no que se refere a uma atitude estética, quanto existencial. É isso que vai caracterizar a tônica agressiva desses modernistas com relação aos parnasianos e ao academicismo em geral (SALVATORE, 2004, p. 305).

Por último, há que se falar sobre os estudos que estão se desenvolvendo, atualmente, sobre a questão oral na região de Dourados e do Pantanal sul-mato-grossense. Para expor isso se recorre a dois trabalhos que exploram o assunto. O primeiro é de Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira e Maria das Dores Capitão Vigário Marchi, onde as autoras abordam as narrativas orais no intuito de “[...] reconhecer e conhecer fenômenos que subsidiam a vida, a fantasia, o viver de um povo” (FERREIRA; MARCHI, 2003, p. 103). Porém, poder-se-ia indagar como uma “fantasia” pode integrar a realidade de um povo. É neste sentido que as autoras explicam:

Assombrações e visões vão assumindo formas, características, fazeres, ações, moldando-se a um espaço, a uma cultura – o espaço, a cultura em que aparecem. Elas são tecidas num local, numa realidade – acidentes naturais (matas, florestas, rios, lagos, lagoas, pedras, montes) e modos de viver (urbano, rural) são responsáveis pela construção de entidades que assumem forma de gente, de animal ou de ‘coisa’, são elas vultos, luzes, vozes, ruídos, que às vezes são só sentidas e percebidas, outras, vistas, ouvidas (ouvem-se coisas inteligíveis, ou não) (FERREIRA & MARCHI, 2003, p. 101).

A partir destas autoras, ainda é possível dizer que essas entidades fantásticas não só podem integrar a vida de um povo como também dão subsídios para que se criem ações em torno delas, como, por exemplo, procurar as crianças raptadas pelo saci (FERREIRA; MARCHI, 2003, p. 104).

Outro texto é de Wilson Valentim Biasotto, *Até aqui o Laquicho vai bem: os causos de Liberato Leite de Farias*. Biasotto desenvolve esse trabalho no intuito de compreender o que significava a expressão “até aqui o Laquicho vai bem”. Para a realização da pesquisa o autor se põe a campo com alguns alunos, munidos com aparatos da história oral, para colher os contos de Laquicho. O que chama a atenção é a perpetuação oral dos causos desse personagem desde a sua morte, no ano de 1946, até os anos do registro feito pelo trabalho aqui analisado.

Liberato Leite Farias, o Laquicho, nasceu em 1868 em Frutal, Minas Gerais, e chegou à colônia de Dourados, Mato Grosso, em 1898, onde seus causos se perpetuam até os dias atuais. O que chama atenção é “[...] sua capacidade ímpar de contar causos” (BIASOTTO, 2000, p. 120). A título de exemplificação, pode-se citar uma das histórias de Laquicho, onde conta que:

[...] certa feita, andando a cavalo, escutou uma voz que o chamava: ‘Laquicho... Laquicho...’ Quando olhou para trás viu uma cobra correndo atrás dele na ponta do rabo. Quis sair a galope mas não foi possível, só teve tempo de levantar as pernas, evitando o bote fatal. A cobra acertou o estribo e ficou dependurada enquanto o cavalo arrancou em louca disparada. E vai que vai, a cobra, não agüentando os trancos, finalmente soltou-se. Cavalo e cavaleiro acalmaram-se. Laquicho pôde abaixar suas pernas que se estendiam ao longo do pescoço do animal e recolocar os pés nos estribos, mas, para a sua surpresa o pé direito não cabia. Parou para ver o que tinha acontecido e constatou que o veneno da cobra fora tão forte que o estribo inchara. (BIASOTTO, 2000, p. 119-120).

Assim, esta primeira parte do artigo deu conta de expor um esboço das correntes literárias que passaram pela região aqui em discussão, além de não deixar de lado a literatura oral. No entanto, na sequência, o que interessa é observar de maneira mais pontual as manifestações literárias em Mato Grosso, para poder ampliar o horizonte literário acima apresentado.

LITERATURA E PODER

Neste ponto do artigo, optou-se por apresentar, em um primeiro instante, as características da historiografia literária de Mato Grosso, observando as relações que se instituíram entre a literatura e poder na região.

Antes de cruzar o limiar que divide dois séculos, XIX e XX, as manifestações culturais em Mato Grosso resumiam-se ao teatro, como indica a obra *Literatura e poder em Mato Grosso*, de Hilda Gomes Dutra Magalhães. Ela divide a literatura do estado em dois momentos. O primeiro é caracterizado pela preocupação com a manutenção da elite:

A literatura da primeira metade do século se organizou em torno da elite socioeconômica, na produção de Dom Aquino e de José de Mesquita. Trata-se de uma literatura que reproduz, estrutural, lingüística e tematicamente, a voz da dominação. O poder está presente nas figuras heróicas da poética de Dom Aquino ou na poética de José de Mesquita, ambos com fortes matizes moralizantes (MAGALHÃES, 2002, p. 159).

Um dos poemas onde fica latente o tom moral pregado pelo representante máximo da Igreja, o arcebispo Dom Francisco de Aquino Correia, “*A perdiz e a Jaó*”, onde ele pastoreia os jovens por meio de palavras. Observe-se o trecho:

Dizem que outrora, sob o mesmo umbroso/Teto das matas
flôridas, no gozo/De um idílio feliz,/ Viveram já, contur-
barnais e amigas,/Alternando as nostálgicas cantigas,/A
jaó e a perdiz./Eis senão quando, um dia, a confidente/Da
perdiz quis levá-la a um furto ingente,/A não sei que ação
mã,/Pois qual seja ela a tradição não reza,/ “Que em tanta
antiguidade não há certeza”,/Mas pouco se nos dá./O fato é
que a perdiz, sem mais, desata/O vôo sonoro pela mata/E
foge e vai viver,/Por entre o verde capinzal que junca/Os
vastos campos, e não quis mais nunca/Aos seus bosques
volver./Desde então, a jaó clama incessante:/ “Vem cá,
perdiz!” no fundo ressonante/Dos grandes matagais;/Mas
a nobre perdiz, desde as amenas/Pradarias em flor, responde
apenas,/Assim: “Não! Nunca mais!” /Ó *jovens, aprendei*⁷: e
se algum dia,/Surpreender-vos a infausta companhia/De
amigos tão fatais,/Fugi como a perdiz, e aos mentirosos/E
vis reclamamos replicai, briosos,/Assim: “Não! Nunca mais!”
(CORREIA, 2003, p. 17).⁸

Na poesia de José Mesquita é possível encontrar os mesmos caracteres da poesia de Dom Aquino, porém, segundo Magalhães, “[...] se Dom Aquino é um poeta-pastor, José de Mesquita é um poeta-filósofo, preocupado com compreender o cotidiano e pregar a elevação do espírito [...]” (MAGALHÃES, 2000, p. 29), como pode ser notado no exemplo abaixo:

Que importa o tufão? Fita-o de frente erguida,/e, da refrega
em meio, ergue,/altaneiro, o porte./O é tanto mais senhor da
sua vida,/quanto mais a despreza, e olha, sereno, a morte/
Erija a tua fé, faz dela o elmo na lida./É no crisol da dor
que o homem se torna forte./Aprende a suportar de alma
firme e aguerrida,/a inconstância e o furor dos vendavais
da sorte./Encara com piedade os pigmeus embrejados/no
seu mesquinho afã, que logo se entibia./Põe tua flâmula
ideal nos píncaros dourados./A vitória do mal é efêmera
e não dura/mais do que esse ulular de proccla bravia/ - A
que logo sucede a bonança mais pura! (MESQUITA *apud*
MAGALHÃES, 2000, p. 29).

No tocante à segunda metade do século XX, o que caracteriza a literatura é a preocupação com os desfavorecidos. Ela se volta aos elementos “sem vez e sem voz” que habitam os ermos sertões, onde há uma desumanização do homem. Fica nítida a presença do capital nessa degradação do ser que ocorre nas obras. Isso acontece a tal ponto que Hilda Gomes Dutra Magalhães trabalha com o conceito de “absurdo” de Albert Camus.

Por “absurdo”, Magalhães (2002, p. 17) compreende:

⁷ Grifo nosso.

⁸ Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, n. 2, p. 17, 2003.

[...] a distância entre o mundo e o [que] ser funda a absurdidade da vida. O absurdo nasce desse confronto do irracional, um confronto que é, no limite, o confronto da morte. Em outras palavras, a consciência da estrangeiridade coloca em evidência ‘o divórcio entre o homem e sua vida’, constituindo o sentimento do Absurdo.

No decorrer de seu trabalho a autora demonstra que os personagens das obras literárias que ela aborda não têm possibilidade de reação e nem mesmo consciência dessa possibilidade, de forma que apenas vegetam dentro do mundo. Segundo Magalhães, isso ocorre porque “no século XX, a ‘morte de Deus’, e a instauração do reinado da vontade destroem todos os referenciais morais e éticos que fundamentavam a sociedade tradicional” (MAGALHÃES, 2002, p. 18).

Outro ponto presente na literatura analisada aqui é o poder, que a autora vê como meio de exploração e nulificação dos indivíduos⁹. Na primeira metade do século, o poder é um instrumento que está na literatura, e se constitui enquanto forma de manutenção e legitimação da elite, como em Dom Aquino e José de Mesquita. Na segunda metade, essa literatura passa a ser um instrumento de denúncia de um poder que degrada a condição de ser.

Dom Aquino, José de Mesquita, Indalécio Proença Leite, Lobivar Matos e Cavalcanti Proença, são os expoentes da literatura na primeira metade do século XX. Essas primeiras cinco décadas podem ser subdivididas em duas¹⁰. Uma forte, que pode ser observada na dominação e manutenção do poder pela elite, Dom Aquino e José de Mesquita. E outra, com repercussão diminuta e oposta à primeira, que se manifesta “[...] na produção dos poetas satíricos, uma produção, contudo, marginal e de vida curta [...]” (MAGALHÃES, 2002, p. 159). Magalhães fala em poetas, no plural, mas cita apenas Indalécio Proença Leite.

O contraponto existente entre a poesia elitista e essa poesia marginal é personificado na figura de Indalécio, como pode ser notado em um de seus poemas: “Uma coisa mi bule n’ispinha/E mi dá um tremo na pacuera;/É num vê meus patricio nenhum/Qui mereça justiça – divéral!/Só si vê a canáia di baixo/Pau rodado que aqui incaio/Priquitada im rodó Du governo/A xupá todo nosso suo” (PROENÇA *apud* MAGALHÃES, 2002, p. 33).

Essa segunda subfase tem vida curta, por conta de que os autores se mascaravam com pseudônimos e faziam tiragens artesanais de seus textos, que eram distribuídos sob as portas das casas, à noite (MAGALHÃES, 2002, p. 159), com exceção de Lo-

⁹ Nulificação pode ser entendido a partir da obra de Magalhães como uma perda da essência, ou seja, as coisas passam a ser fenomênicas, passam a existir por si mesmas. Nas palavras de MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001: “[...] em negando que há uma realidade substancial, ou que há, em realidade – ou ‘na realidade’ -, substâncias, só se cabe sustentar que se conhecem fenômenos”. Sobre o assunto ver: MAGALHÃES, H. G. D. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002. p. 20-21.

¹⁰ A divisão e subdivisão da literatura em Mato Grosso foram adotadas de acordo com Hilda Gomes Dutra Magalhães.

bivar Matos. Ou seja, era a denúncia contra os donos do poder. Esse poder estava tão presente e tão explícito nas pesadas mãos que o manipulavam a ponto desses poetas denunciadores utilizarem-se de estratégias para mascarar suas identidades.

No tocante à segunda fase da literatura em Mato Grosso, que se inicia a partir de meados do século XX, nota-se uma virada de 180° na escrita literária do estado. De um conteúdo voltado à manutenção do poder da elite, o contexto das obras passa a trabalhar em moldes de denúncia, contra o capital estrangeiro que invade e destrói a cultura alheia, como pode ser visto no poema de Marilza Ribeiro: “Terra mato-grossense/Palco de guerras malditas/Cerrados silenciosos/Guardando segredos/Assassinos/Fantasmas soltos/Aves de rapina/Voando/Sobre corpos calados/Como dança/Macabra/Da cobiça...” (RIBEIRO *apud* MAGALHÃES, 2002, p. 100).

Fica evidenciado no poema o cunho de denúncia, o caráter de indignação da poetisa e o drama social de Mato Grosso expresso nas palavras da autora. Como diz Magalhães (2000, p.101):

[...] Marilza Ribeiro faz de sua poesia um instrumento de denúncia do processo de dominação e niilização que reina nos latifúndios mato-grossenses. Tematizando essa realidade, faz de sua obra um grito das minorias, sobretudo dos menores abandonados, dos trabalhadores braçais e das mulheres.

Magalhães trabalha com mais quatro escritores que têm em comum o olhar sobre o oprimido e não sobre os detentores dos aparatos de submissão. São eles: Ricardo Guilherme Dicke, cujas obras abordadas pela autora são *Madona dos Páramos* e *Caieira*; Tereza Albués, com *O Berro do Cordeiro em Nova York*; José Vilela, com *Xanunu Tamu*; e, por fim Dom Pedro Casaldáliga com as *Cantigas menores*, *A cuia de gedeão*, *Creio na justiça e na esperança* e *Águas do tempo*.

O que chama atenção no trabalho feito por Magalhães é a ênfase na abordagem da literatura enquanto forma de representação do poder, ou mais exatamente, como forma de legitimação, manutenção e denúncia, por parte dos autores. Essa perspectiva abre a possibilidade de observar o Mato Grosso como palco de batalhas simbólicas pelo poder, o que se mostra como um objeto de pesquisa extremamente curioso e ainda pouco explorado, principalmente no que tange ao atual estado de Mato Grosso do Sul¹¹. Assim, o que a relação entre literatura e poder permitem vislumbrar é o fato de que houve, pelo menos dentro da perspectiva abordada por Magalhães, uma intensa relação entre a produção literária e as relações de poder na região. É neste sentido, que importa ressaltar a importância da tríplice relação entre a crítica, a historiografia e teoria literária, pois que, a singularidade das relações sociais serviu de inspiração ao processo de composição da literatura regional deste estado.

¹¹ Sobre a prematuridade dos estudos literários no estado de Mato Grosso do Sul, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos observa: “[...] uma expressiva produção acadêmica, resultado de projetos de pesquisa em cursos de especialização, pode ser hoje inventariada; a essas produções, entretanto, não corresponde uma produtividade em pesquisa e esforço de reflexão cada vez mais necessários ao avanço de um discurso crítico e mesmo para a formação de uma bibliografia capaz de dar suporte e provocar a constituição de linha de pesquisa em torno do assunto” (SANTOS, 2008, p. 15-16).

Esta conclusão deriva das pesquisas produzidas na área da historiografia literária, que dentro de uma análise que extrapola os limites da obra, pode servir de arcabouço para o procedimento crítico. Observada a importância destas interações, seja entre literatura e poder, entre crítica e historiografia, interessa agora, observar como se estrutura a literatura no Antigo Sul de Mato Grosso.

A LITERATURA NO ANTIGO SUL DE MATO GROSSO

Continuando a exposição, Sobre a literatura no ASMT,¹² interessa, aqui, apresentar o desenvolvimento dela nesta região e algumas obras que fazem um esboço mais representativo de suas características, mas que não, necessariamente, são de autores naturais do ASMT.

A respeito da literatura desta região, Maria da Glória Sá Rosa, no artigo intitulado “A literatura de Mato Grosso do Sul”, observa:

A literatura sul-mato-grossense encontra-se em plena fase de desenvolvimento. Quem a produz são elementos comprometidos com o prazer de gerar signos gráficos. [...] Em Mato Grosso do Sul, onde no dizer de Demóstenes Martins, ‘o boi cria o homem’, ela não ocupa o merecido lugar. Com raras exceções, é vista como algo supérfluo, resultado da fantasia de intelectuais desligados dos problemas da realidade. (SÁ ROSA, s/d, p. 1).¹²

Dessa forma, o que caracteriza essa literatura é seu caráter de desenvolvimento. Ao contrário das estruturas de poder que permeiam as letras dos escritores e poetas naturais da região que hoje corresponde ao estado de Mato Grosso, os artistas que produziram no ASMT produziam de forma secundária e limitada. E, ainda hoje, é possível encontrar escritores que produzem de forma prematura, como diz Sá Rosa (s/d, p. 4-5):

Alguns poetas sul-mato-grossenses ainda estão presos às normas do Romantismo e do Parnasianismo. Em vez de acompanharem as transformações que renovaram a face do mundo, ficam centrados em si mesmos reinventando as próprias dores e alegrias. O distanciamento dos grandes centros, a precariedade dos meios de comunicação manteve-os presos ao subjetivismo. Lendo seus poemas, observa-se que a maioria das composições estão centradas na tríplice vertente Deus/Homem/Natureza sem a preocupação de imprimir cunho estético às produções. [...] Conclui-se que falta a esses poetas trabalho mais apurado em relação ao verso, que precisa ser refeito muitas vezes até surgir com o gosto do nunca visto, que surpreende o leitor.

¹² O artigo do qual foi extraída essa citação, foi enviado ao autor deste trabalho pelo Professor Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, que atua na Universidade Federal da Grande Dourados no dia 1 de dezembro de 2008.

Contudo, não se pode generalizar essas características, há nesse contexto exceções modernistas como é o caso de Manoel de Barros, Lobivar Matos, Raquel Naveira e Lélia Rita de Figueiredo, para citar apenas alguns¹³.

Manoel de Barros, um dos poetas expoentes da literatura estadual/nacional, trabalha com questões que não abrangem o geral, mais sim o específico, o que é quase insignificante aos olhos humanos. O seu discurso não é de fácil compreensão, porém, encanta pela profundidade, pela possibilidade da reflexão, como é possível notar abaixo, na afirmação de Marileusa Ferreira da Silva no texto intitulado “*Manoel de Barros: O poeta e a palavra*”: “A poesia de Manoel de Barros não é de fácil recepção. A magia de sua palavra age profundamente sobre o leitor, embora a compreensão permaneça desorientada. Essa obscuridade, um objetivo das artes modernas, é intencional” (SILVA, 2000, p. 73).

Além da presença da poesia, outras formas de literatura podem ser inventariadas na região, ou melhor, sobre a região – nem todos os trabalhos literários são de autores naturais do ASMT, como é o caso de Hernani Donato. Essas formas literárias, segundo o que pode ser observado no texto de Sá Rosa, convergem para a mesma direção que as apresentadas por José Couto Vieira Pontes, ou seja: o conto; a crônica; o romance; a história; memória; biografias; tese; ensaios e literatura infanto-juvenil. Porém, no trabalho de Pontes é possível observar outra forma de escrita no estado, qual seja, a literatura histórico-documental. Esta se caracteriza por ter sua base em arquivos e relatos de ações testemunhadas por seus escritores, como é o caso de José de Melo e Silva¹⁴.

Apoiando-se em Sá Rosa e Pontes para embasar o conteúdo aqui disposto, pode-se salientar uma característica que ainda não foi observada nesse trabalho: a importância da imprensa no desenvolvimento da literatura dentro do estado. Segundo Pontes, “nenhuma notícia se tem, nessas épocas (1829), nos primeiros núcleos populacionais do Sul mato-grossense, de alguma atividade ou algum nome ligado à literatura” (PONTES, 1981, p. 23).

No ano de 1877 surge, no ASMT, o jornal “O Iniciado”, um primeiro vulto das letras: “Desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras” (PONTES, 1981, p. 25). Nesta perspectiva, o jornal desempenhava um papel vultoso para a literatura do estado. As obras publicadas nos jornais do estado normalmente estavam nos suplementos literários, áreas destinadas à publicação de trabalhos literários. Sobre esse assunto, Mário Ribeiro Martins afirma:

A importância de um Suplemento Literário é muito bem expressa pelos artigos, ensaios, contos, e crônicas transformados em livros e publicados anteriormente em jornais,

¹³ Sobre esses autores ver: PONTES, J. C. V. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981, p. 123-144.

¹⁴ Sobre o assunto ver: PONTES, J. C. V. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981, p. 159-185

como o foram, os de Oliveira Lima, Assis Chateaubriand, Austregésilo de Athayde, José Lins do Rego e muitos outros. O veículo que os levou ao público e às editoras foi exatamente o jornalismo literário, em outras palavras, os suplementos. (MARTINS *apud* PONTES, 1981, p. 28).

Outro meio de divulgação comum aos escritores da região foram grêmios literários estudantis, dentre os quais havia publicações periódicas e não periódicas. Tal como o jornal, esses grêmios eram alternativas encontradas para sanar, ou ao menos minimizar, as deficiências da divulgação dos trabalhos. Pontes afirma que eles “foram o nascedouro, a matriz de inúmeros escritores brasileiros” (PONTES, 1981, p. 29). Essas entidades tiveram um importante papel no estado, porém perdem espaço com o “aumento da cidade e a modificação de seus hábitos” (PONTES, 1981, p. 32).

Falar sobre literatura no ASMT e não citar a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras seria uma falha, já que esta foi a manifestação institucional mais ampla em termos de letras na região. Mesmo que se tenha hoje a presença da Universidade Federal da Grande Dourados a promover importantes estudos em termos de letras no estado, a relevância da Academia está no pioneirismo dessa instituição e no fomento a produção literária.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras surgiu no ano de 1971 com a denominação de Academia de Letras e História de Campo Grande, fundada por Ulisses Serra. O fato de não manter o nome pelo qual é reconhecido hoje, é por Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ainda estarem constituídos, àquela época, como um estado.

A Academia de Letras e História de Campo Grande, atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ao ser instituído, em 1972, não teve por objetivo lançar um manifesto literário, impor uma corrente ou deflagrar um movimento no campo das letras. Reuniu os cultores da Literatura e da História interessados em manter um centro cultural, em nosso meio, a despeito da opinião contrária de muitos que ainda julgavam o nosso ambiente verde ainda para essas iniciativas. (PONTES, 1981, p. 40).

Apresentadas as características da literatura no ASMT, é importante deixar claro que este artigo não pretendeu apresentar toda a história literária da região, mas sim fazer um esboço que permita, ao menos, uma visualização, de maneira panorâmica as características dessa escrita. Por esse motivo, autores como Hélio Serejo, Brígido Ibanhes e mais recentemente Emanuel Marinho, não foram colocados em discussão. Elucidados estes pontos, passa-se, agora, a uma análise de caso.

UMA ANÁLISE DE CASO

A obra *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*, de Hernâni Donato, será alvo de algumas considerações relacionadas a sua estética e a sua dimensão social, para que se possa, de maneira prática, demonstrar a viabilidade da proposta

apresentada até o presente momento, ou seja, do trabalho dialético entre a história, a teoria e a crítica literária. Para situar, de maneira breve, o leitor, em relação a obra de Donato, valem as palavras de Fábio Lucas (1976, p. 82):

[...] Livro de excepcional valor literário [...] o romance, a par do relato da vida degradada dos ervateiros e mesmo dos satélites da Companhia, conta paralelas histórias de amor (entre o Curã e Zola, Aguará e Anai, Pablito-Flora, Isaque, Osório e Nakyrã), episódios de fuga e conseqüente caçada humana. [...] Documento eloqüente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo e obra de grande valor estilístico *Selva trágica* mostra as dantescas condições de trabalho da região.

De início, a análise se prende à estrutura imanente da obra, de maneira a observar sua estética. Com relação a esta, é possível notar uma composição dialética que enquadra duas perspectivas do regionalismo brasileiro: (i) a forte influência do regionalismo dos anos vinte, onde se observa uma atenção com a questão estético-cultural. Um dos pontos que caracteriza esse movimento é a preocupação com o efeito que a estrutura linguística, configurada pelo autor, vai ter no leitor; (ii) a segunda influência está relacionada à perspectiva ideológica encerrada pela obra, onde o *têlos*¹⁵ é o bem comum. Observe-se com relação ao primeiro ponto a seguinte passagem, onde a poesia “*Evocação de Recife*”, de Manuel Bandeira, é citada: “E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. Depois é que aparecem os humanos, falando aquela ‘língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque êle é que fala gostoso o português do Brasil” (M. B.) (DONATO, 1959, p. 7).

Esta poesia foi escrita no ano de 1925 e se caracteriza por ser representativa dos ideais estético-culturais do movimento regionalista da década de 20. Essa perspectiva demonstra uma preocupação que se enquadra na visão poético-folclórica do Nordeste, típica desse período¹⁶, porém, a obra de Donato tem um aspecto que ultrapassa essa tendência poético-folclórica, visto que há um cunho político-ideológico significativamente forte em *Selva trágica*, personificado nas figuras de Luisão e dos *changa-ys*¹⁷. Este cunho ideológico, segundo as considerações de José Maurício Gomes de Almeida, é característico do regionalismo maduro:

Considerada em suas linhas gerais, essa nova ficção [regionalismo maduro] representa, tanto na técnica como na temática, uma nítida retomada da tradição realista, herdade do século XIX. [...] os escritores de agora parecem mais

¹⁵ O termo *têlos* é evocado, aqui, em seu sentido filosófico, enquanto a finalidade última, enquanto o objetivo final para o qual se caminha. Dentro de uma perspectiva teleológica, o cristianismo visa o fim da história através do paraíso, assim como os trabalhadores visa o fim de sua história, que é a sua liberdade. Quando se alcança este ponto final, a história encerra-se, não tem mais um caminho. Sobre o assunto ver: BODEI, Remo. *A história tem um sentido?*. Bauru-SP: EDUSC, 2001. E também: DOSSE, François. *A história*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

¹⁶ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 210.

¹⁷ *Changa-ys* eram os ladrões de erva mate.

preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa. [...] Para tanto contribuiu decisivamente o sucesso alcançado pelos escritores do Nordeste, todos eles marcados, em maior ou menor grau, por uma visão sociológica da realidade. (ALMEIDA, 1999, p. 204).

O objetivo de Luisão e dos *changa-ys* é acabar com o monopólio da Companhia que explora os ervais no *sulestematogrossense*, para que todos possam trabalhar livremente, sem o risco de serem mortos ou ficarem presos¹⁸ no erval sem a possibilidade de saldar seu débito e buscar outro meio de vida. As palavras que seguem, permitem observar essa perspectiva ideológica que está sendo apresentada:

Uma luta dêste porte não começou ontem, nem pode acabar hoje. Durou tempo, engoliu muita gente, enriqueceu uns poucos e desgraçou milhares. Começou com a regulamentação da pode, coisa que ninguém obedeceu. Agora, mandaram dizer que o govêrno decretou a extinção do monopólio. Todos vocês podem pedir concessão e tirar a erva. Isto custou dez anos de espera. Não pensem que com isso, - êsse papel do govêrno – os apuros se acabaram. O govêrno está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do govêrno. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1959, p. 208).

O que se nota, portanto, é que há uma esfera preocupada com a perspectiva estética, o que pode ser percebido no trato da língua, muito bem explorada através da língua guarani; e outra caracterizada pela questão ideológica, o percurso teleológico é muito marcado com relação a isso, pois há uma proposição que pode ser caracterizada como uma busca pelo fim da história, esse ponto pode ser disposto da seguinte maneira: o fim do monopólio e das relações de conflito, provocadas pela política, pelo dinheiro, e pela própria maldade humana, que orientam a comunidade ervateira na busca de um estado original, antes da chegada da companhia¹⁹.

Esta breve exposição sobre *Selva trágica* demonstra uma esfera imanente da obra, no entanto, ela orienta para um estado exterior, ou seja, é possível perceber

¹⁸ Os administradores organizavam festas em bordeis para que os homens se divertissem o quanto quisessem tendo a ilusão de que iriam para o erval e ficariam ricos, no entanto, se endividavam com a Companhia, eram levados para o erval e não conseguiam mais quitar suas dívidas, pois estas eram manipuladas. O caso mais expressivo da obra é o de Pytã, que tenta que durante todo o desenvolvimento do enredo busca meios de pagar sua dívida para sair limpo do erva, mas, ao invés de conseguir isso, apenas descobre que nunca conseguiria pagar o que a Companhia dizia que ele devia, a única saída que lhe resta é a fuga do erval.

¹⁹ Lucien Goldmann observou que com os meios de produção capitalista a relação qualitativa com os objetos autênticos desapareceu, transformando-se em uma relação quantitativa (GOLDMANN, 1976, p. 17). No caso de *Selva trágica*, a erva mate tinha, originalmente, um valor qualitativo, relacionado a uma determinada sacralidade, no entanto, quando a Companhia monopoliza a exploração da erva, ela se transforma em produto. A busca dos trabalhadores visa a condição original da erva.

nela uma forte relação com o contexto social. Nesse sentido, é possível traçar um paralelo entre a realidade literária e a realidade histórica. No entanto, para não entrar em um âmbito interdisciplinar, que estaria relacionado a um contexto social ou histórico, é possível observar a relação da obra com outras obras, do autor com outros autores, da corrente estética com outras correntes. Esses aportes têm por base a proposição dialética feita no início deste trabalho. O crítico literário munindo-se dos resultados obtidos pelos historiadores da literatura e pelos teóricos literários pode produzir resultados mais amplos²⁰. Em relação à *Selva trágica* pode-se inventariar, parcialmente, os seguintes resultados: (i) a análise que defende que a obra está com sua estética dialeticamente composta, através de dois momentos do regionalismo se caracteriza por uma análise crítica imanente, no entanto, essa análise somente se mostra viável mediante os estudos dos resultados obtidos pelos historiadores literários. Para chegar a esses resultados, os trabalhos de Magalhães, Almeida e Pontes, foram fundamentais, pois apresentam um panorama geral da história da literatura no estado de Mato Grosso, no ASMT e no Brasil, e permitem observar as características imanentes da obra em relação às outras obras produzidas na região. (ii) Com relação à teoria, ela é fundamental no sentido de que fornece os suportes de análise. Através dela é possível, por exemplo, abordar a questão imanente da estética e a questão transcendente da dimensão social, sem, com isso, cair no que Candido chama de sociologismo, ou seja, respeitando os limites do que é estritamente estético e do que pode ser relacionado a um contexto externo. A teoria é o que permite que as análises se aprofundem no sentido de evitar críticas infundadas ou meras descrições do texto literário. Em *Selva trágica*, a teoria permite observar, num primeiro momento, as estruturas narrativas, o tempo, a intriga, a língua, a dimensão social, entre outros.

Os estudos literários necessitam, cada vez mais, de posições abertas em relação às análises, ou seja, críticos, teóricos e historiadores que compreendam, respeitem e saibam utilizar os trabalhos desenvolvidos entre si. É claro que esta é uma proposta e não a única. O ponto que leva a questionar a forma de análise da literatura, hoje, é justamente o seu caráter fechado, se escolhe uma teoria e se trabalha sobre ela como se não houvesse abertura para se pensar outros sentidos. *Selva trágica* é um texto que pode ser observado dentro dos aportes dos estudos culturais e pós-coloniais, haja vista a singularidade da sociedade apresentada e colonizada pela companhia; por um viés formalista, pois como disse Lucas, ela é uma obra eloquente, pela estética da recepção, observando a tríplice relação autor-obra-leitor. O que é primordial, em um primeiro momento, é a necessidade de deixar o objeto literário falar e ter abertura suficiente para olhar a literatura em seus mais diversos sentidos.

Para encerrar, valem as considerações de Terry Eagleton, em um crítica a relação entre as teorias literárias e as políticas acadêmicas:

²⁰ Como propuseram Wellek e Warren, é possível pensar a crítica em relação com a história e a teoria, pensar a teoria em relação à crítica e a história e, por fim, pensar a história em relação à teoria e a crítica. No entanto, devido o espaço, apenas será observada a relação da crítica com a teoria e a história.

As teorias literárias não devem ser censuradas por serem acadêmicas, mas sim por serem, em seu conjunto, disfarçada ou inconscientemente políticas; devem ser criticadas pela cegueira com que oferecem como verdades supostamente ‘técnicas’, ‘auto-evidentes’, ‘científicas’ ou ‘universais’ doutrinas que pouco de reflexão nos mostrará estarem relacionadas com, e reforçarem, os interesses específicos de grupos específicos de pessoas, em momentos específicos. (EAGLETON, 2003, p. 268).

O que as palavras de Eagleton evidenciam é que há uma política acadêmica que cega, através de certas verdades, a possibilidade de observar os objetos literários sem antolhos. Os críticos assumem uma determinada postura teórica e parecem não enxergar a pluralidade interpretativa do objeto literário. É neste sentido que se pretendeu propor uma relação dialética entre os elementos da teoria da literatura partindo de um contexto historiográfico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BIASOTTO, Wilson Valentin. Até aqui o Laquicho vai bem: os causos de Liberato Leite de Farias. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 117-127.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.
- CHINISI, Josenia Marisa. A difusão do trabalho literário de Raquel Naveira. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 23- 40.
- DONATO, Hernâni. *Selva trágica: a gesta ervaiteira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima; MARCHI, Maria das Dores Capitão Vigário. Saci, Pombeiro: variações de uma personagem pantaneira. In: MARIN, Jerri Roberto; VASCONCELOS, Claudio Alves de (Orgs.). *História, religião e identidades*. Campo Grande: UFMS, 2003.
- LINS, José Pereira. Lobivar de Matos: o homem e o poeta. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 93-116.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002.
- MORA, José Farrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Escritor, 1981.
- REVISTA da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Campo Grande, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.acletrasms.com.br/lerevista.asp?IDArq=5>>.

SÁ ROSA, Maria da Glória. *A literatura de Mato Grosso do Sul*. Inédito, 13f.

SALVATORE, D'Onófrío. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. As 'Coisas Mesmas' de Manoel de Barros. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 51-62.

SILVA, Marileusa Ferreira. Manuel de Barros: o poeta e a palavra. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 71-80.

WELLEK, René; AUSTIN, Warren. *Teoria da Literatura*. 5. ed. [S.l.]: Publicações Europa-América, 19--.